
UM SILÊNCIO TÃO DOENTE

Yves de La Taille¹

Chico Buarque de Hollanda assim cantava² no final da década de sessenta do século passado:

Agora falando sério

Eu queria não cantar

A cantiga bonita

Que se acredita

Que o mal espanta

Dou um chute no lirismo

Um pega no cachorro

E um tiro no sabiá

Dou um fora no violino

Faço a mala e corro

Pra não ver banda passar

¹ Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia da Aprendizagem do Desenvolvimento da Personalidade

² Título da canção "Agora Falando Sério"

Agora falando sério

Eu queria não mentir

Não queria enganar

Driblar, iludir

Tanto desencanto

E você que está me ouvindo

Quer saber o que está havendo

Com as flores do meu quintal

O amor-perfeito traindo

A sempre-viva morrendo

E a rosa cheirando mal

Agora falando sério

Preferia não falar

Nada que distraísse

O sono difícil

Como acalanto

Eu quero fazer silêncio

Um silêncio tão doente

Do vizinho reclamar

E chamar polícia e médico

E o síndico do meu tédio

Pedindo para eu cantar

Agora falando sério

Eu queria não cantar

Falando sério

Agora falando sério

Preferia não falar

Falando sério

Inversões! Tudo que é desejável torna-se, pela vontade do cantor, indesejável. A natureza, cheirosa (a rosa) e eterna (sempre-viva), torna-se fedor e morte. O que ajuda a viver e dormir (acalanto) torna-se silêncio. A procura da alegria (ver a banda passar – cantando coisa de amor) torna-se fuga. O apego (sabiá, cachorro) torna-se violência (tiro, pega). A poesia amorosa (lirismo) é desprezada. O que é voz e participação na vida torna-se mutismo (eu queria não cantar) e ausência (preferia não falar). Enfim, o que se associa ao bem é substituído pelo que se associa ao mal.

Havia algum recado de Chico quando compôs essa canção em plena ditadura militar? Não sei. O que sei é que a letra cai como uma luva no contexto atual, nessas duas primeiras décadas do século 21. Com uma diferença notável:

nos dias de hoje, não se trata de um querer (queria, preferiria), mas sim de uma realidade, ou pelo menos, parte dela.

Vejamos exemplos começando por um certamente folclórico: a volta atual de referências ao chamado terraplanismo! Voltou-se a falar recentemente dessa crença que muitos, eu entre eles, imaginavam definitivamente enterrada nas profundezas de uma Terra deveras redonda. As eleições de um certo presidente na América do Norte e a de outro na América do Sul talvez não sejam totalmente estranhas a esse ‘renascimento’ pelo avesso. Segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha³ em 2019, por volta de 7% dos brasileiros não acreditam que a Terra tenha uma forma esférica. Uma pesquisa feita no mesmo ano nos Estados Unidos revelam números semelhantes. Podemos nos confortar lembrando que 90% dos brasileiros não aderem ao exótico terraplanismo, mas não deixa de causar espécie que 7% o façam: 7%, afinal, não é pouca gente. E a essa gente certamente há pessoas espantadas que têm vontade de perguntar, mostrando-lhes, à guisa de testemunho, fotos e vídeos do nosso planeta azul: *‘Como assim?’*.

O próximo exemplo, também relacionado à ciência, nada tem de folclórico, pois trata-se de um mito bíblico: o criacionismo. A essa versão religiosa opõe-se outra, científica, a de Darwin, a da teoria da evolução. Como faz mais de um século e meio que tal teoria foi elaborada e que mil e um estudos foram realizados desde então comprovando-a, não deixa de ser surpreendente que ainda se pense em dar nobreza teórica ao criacionismo, notadamente entre pessoas ligadas a academia, como um certo senhor escolhido para dirigir uma instituição de financiamento de pesquisas científicas. Teria dito ele: *“Queremos dar*

³ <https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2019/07/7-dos-brasileiros-afirmam-que-terra-e-plana-diz-pesquisa-cjy4n2vac01s901njeelvoimp.html>

um contraponto a Teoria da Evolução"⁴. Que ele diga isso na sua igreja, na sua casa um numa mesa de bar, não tem problema. Mas que o faça em evento científico, não é sério.

Terraplanistas e criacionistas são pessoas céticas em relação aos avanços da ciência. O ceticismo até que é uma postura saudável e a ciência se nutre em boa parte dele. Porém, ele mata a busca de conhecimento quando nega as evidências. E mata gente quando tal negação traduz-se em ações. Ora, nos dias de hoje, é o que acontece. Vemos crianças ficando gravemente doentes e até morrendo nas mãos de pais que resolveram, sem nenhuma base nas evidências medicinais, se recusar a vacinar seus filhos. Vemos um presidente poderoso, por mero 'achismo', retirar o seu país dos acordos de Paris pensados para reduzir os danos do aquecimento global e isso apesar de os sinais planetários serem cada vez mais alarmantes com sua plêiade de incêndios, furações, picos de temperatura, derretimento dos polos, elevação do nível dos mares e oceanos, etc. E muitos aplaudem, como aplaudem outro Senhor que nega a realidade dos incêndios amazônicos e o desmatamento dessa rica região chegando até a afirmar que dados de um respeitado instituto de pesquisa são trucados para favorecer organização não governamentais. E o mesmo Senhor ousa, sem maiores constrangimentos, afirmar que a pandemia de coronavírus que assusta o planeta nesse começo dos anos 20 não passa de uma fantasia disseminada pela grande mídia, não passa de uma 'gripezinha'. Creio que Chico, quando, em 1969, compôs "*Agora falando sério*", não imaginava que décadas depois o obscurantismo estaria na ordem do dia.

⁴ <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/01/28/novo-presidente-da-capes-gera-polemica-ao-defender-criacionismo.ghtml>

E tampouco imaginava que seus três versos, *'o amor-perfeito traindo'*, *'a sempre-viva morrendo'* e *'a rosa cheirando mal'*, poderiam servir de metáfora para o que acontece hoje com a natureza.

Quando Chico escreveu esses versos, a *'mãe natureza'* era altamente valorizada. O movimento Hippie, por exemplo, preconizava viver em comunidade com ela, e de cada lado do Oceano Atlântico ouviam-se versos expressando o desejo de com ela viver intimamente, como os de Paul e Linda McCartney, em 1971, que diziam *'procurar uma casa no coração do campo'*, e também como aqueles de Tavito e Zé Rodrix, cantados por Ellis Regina em 1972: *'Eu quero uma casa no campo/do tamanho ideal, pau a pique e sapê'*. Havia, é claro, uma idealização da natureza, idealização essa absolutamente desmentida por experiências terríveis, como a seca da qual fala a famosa canção Asa Branca de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira:

Que braseiro, que fornalha

Nenhum pé de plantação

Por falta d'água, perdi meu gado

Morreu de sede meu alazão

Nos dias de hoje, a atenção para com a natureza talvez seja mais forte do que nunca, como o atestam os partidos ecológicos e a fama mundial de uma adolescente chamada Greta Thunberg. Porém, com uma diferença fundamental em relação aos que queriam uma casa no coração do campo: não se trata de amar e usufruir de uma natureza generosa, mas de salvá-la para nos salvarmos. É justamente o que diz Greta Thunberg: os adultos de hoje, na sua inconsciência e no seu egoísmo, estão deixando para as futuras gerações um planeta no qual não será possível viver, no qual, aliás, já está difícil viver. Difícil de viver não apenas para os seres humanos, mas também para inúmeras espécies de animais

que estão pura e simplesmente desaparecendo. Metaforicamente, realmente podemos dizer que, de fato, hoje, *o amor-perfeito está traindo, a rosa cheira mal e a sempre-viva está morrendo*. A natureza ameaça porque ameaçada.

Ameaçada por quem? Ora, a rigor, por nós todos, notadamente por aqueles que pensam ser inimaginável ir a uma casa de campo sem guiar um poderoso 4x4, essa maravilha tecnológica.

No ano em que Chico lançou a canção “*Agora falado sério*”, um grande feito científico e tecnológico maravilhou o mundo: um homem chamado Neil Armstrong pisou na Lua. E havia muitas outras invenções produzidas pela ciência e pela tecnologia que maravilhavam as pessoas: carros, aviões, helicópteros, foguetes, plásticos para todos os usos, transplante de coração realizado pelo pioneiro Christiaan Barnard, pesticidas e transgênicos para alimentar o planeta, antibióticos, vacinas e outras invenções mais. A ciência e a tecnologia decorrentes eram vistas pela maioria com bons olhos, como sinais inequívocos do gênio humano.

Nos dias de hoje, dessas invenções todas, podemos dizer que apenas as da medicina permanecem valorizadas e admiradas pela maioria, com a estranha exceção da desconfiança em relação a vacinas. Muitas outras passaram a ser vistas como ameaças: aviões, carros e motos são poluidores, o plástico, cuja grande virtude é o de ser descartável, polui mares e oceanos, pesticidas e transgênico seriam perigosos para a saúde. E assim por diante. Nossa relação com a ciência e a tecnologia em vários setores, mudou de sinal. Invenções antes admiradas tornaram-se vilãs. E não é de todo espantoso que nessa tomada de consciência de possíveis vicissitudes de feitos científicos e tecnológicos antes incontesteáveis, uma grande descrença se abata sobre eles e que alguns prefiram voltar a

mitos e crenças, esquecendo-se que para combater os erros da ciência e da tecnologia, há um único remédio: mais ciência e mais tecnologia.

Porém, para aceitar que somente mais ciência pode resolver as limitações e possíveis erros dessa mesma ciência, é preciso dar valor a uma coisa chamada 'verdade'. Com efeito, o próprio da ciência é procurar incansavelmente a verdade, mesmo sabendo que ela é sempre parcial e provisória. Por essa razão é próprio do trabalho científico verificar e verificar e verificar se as teorias ora aceitas se sustentam. Por mais paradoxal que possa parecer para alguns, o cientista une busca da verdade e dúvida. Aquele que nunca duvida não pode fazer ciência assim como não o pode aquele que despreza a verdade. Ora, podemos dizer que, nos dias atuais, a busca minuciosa da verdade e, logo, a própria verdade estão desvalorizadas. Para muitos, mitos e crenças são suficientes para entender o mundo. Para muitos também, as opiniões, notadamente veiculadas pelas chamadas redes sociais, bastam para falar competentemente do mundo e a mensagem de um amador acaba tendo o mesmo valor e a mesma repercussão (ou até maior) que a de um especialista. E falta evidentemente falar do fenômeno recente e de certa forma avassalador: as *fake news*. Sabe-se que muitos criadores e disseminadores dessas notícias falsas não somente sabem que são falsas como agem frequentemente com interesses econômicos e políticos, tanto que gastam bastante dinheiro com isso. Mas o espantoso é que multidões acreditam nelas e ajudam a sua disseminação, o que prova que as pessoas que as leem pouco dão valor a busca da verdade, pouco se importam em distinguir o verdadeiro do falso. Ou seja, o que não é sério compete, e às vezes ganha, do que é sério. Eis mais uma inversão preocupante, mas certamente não tão preocupante quanto a inesperada (pelo menos para mim) volta de valores morais e políticos que tanto males causaram à humanidade num passado ainda recente.

Exemplos.

Há pouco tempo, o governo da Polônia baixou uma lei que multa e até prende pessoas que digam que os campos de concentração nazistas implantados neste país eram poloneses. Com efeito, os campos de concentração faziam parte do macabro plano de exterminação do governo de Hitler num país dominado pelas tropas alemãs. Porém, proibir a associação entre a Polônia e os referidos campos é procurar negar uma evidência histórica: havia em vários países, e certamente também na Polônia, os chamados colaboradores, ou seja, as pessoas simpatizantes do Nazismo e que o ajudavam nos seus tristes desígnios.

Atitude parecida teve há poucos anos Marine Le Pen, presidente do partido francês de extrema direita, (RN), ao dizer que durante a Segunda Guerra Mundial os franceses que promoveram a deportação de milhares de judeus não representavam a França. Ora, não somente representavam uma parte da opinião pública francesa como o próprio governo francês da época (o governo de Vichy) patrocinava, com policiais e milícias, tal deportação.

Último exemplo também relacionado a Segunda Guerra mundial: um deputado do partido de extrema direita alemã (AFD) insurgiu-se contra a presença, em Berlin, do Memorial do Holocausto, obra erigida tanto para homenagear os judeus massacrados quanto para preservar memória desses tristes tempos.

Os três exemplos que acabamos de ver são exemplos de *negacionismo*. Existe uma forma oficial de negacionismo que implica negar pura e simplesmente um feito histórico, como é o caso da Turquia que não reconhece o genocídio realizado pelo poder Otomano contra o povo armênio durante a Primeira Guerra Mundial. Aqui no Brasil encontra-se essa forma de negacionismo em quem afirma que simplesmente não houve golpe militar em março de 1964 e

tampouco houve uma ditadura a partir daquela data. Nos exemplos que vimos nos parágrafos anteriores, não há a negação de que houve campos de concentração e de que houve matança de judeus, mas há negação mesmo assim, negação da participação de ‘verdadeiros’ poloneses e franceses nas ações nazistas, negação da importância do drama judeu na fala do deputado alemão. Trata-se de tentativas de minimização do que aconteceu ou até mesmo de esquecimento, minimização e esquecimentos estes que vêm a calhar para a volta de vozes que elogiam ditaduras, vozes que se intitulam neonazistas, outras que pedem, no Brasil, a volta do Ato Institucional número 5 (AI5), e que não hesitam, nesse mesmo país, em se inspirar no nazista mor Paul Joseph Goebbels para falar de cultura ou no Ku Klux Klan para ameaçar um poder da república. E essas vozes não são poucas. Sempre existiram, é verdade, mas em sussurros. Agora sobem em palanques e preconizam em alto bom som que, de fato, se dê *um chute no lirismo, um pega no cachorro e um tiro no sabiá*.

E dá, de fato, vontade de *não mais cantar, de não mais falar, de fazer um silêncio doente...*

Aliás, o que cantar? O que falar? Tudo já foi dito!

Qual seria um novo argumento capaz de convencer terraplanistas de que a Terra é, sim, redonda? Se tudo o que já foi dito e mostrado a respeito não surtiu efeito, para que repeti-lo? Fiquemos em silêncio.

E qual seria um argumento original para convencer criacionistas ‘acadêmicos’ de que teoria da evolução não é mera ideologia, mera opinião? E que se ela se contrapõe à história contada na Gênese, ela não impede de forma

alguma que se pense Deus como criador do universo. Mas isso também já foi dito inúmeras vezes. E nada! Dá vontade de abandonar, de ficar em silêncio

E será preciso lembrar aos ‘vacinocéticos’ que uma doença como a varíola foi erradicada graças a uma vacina? Dá preguiça assim como dá preguiça discutir com os chamados ‘climacéticos’ que nem ao menos admitem a possibilidade de o clima estar mudando para pior por causa das ações humanas, que nem ao menos aderem ao princípio da prudência. Dá vontade de deixá-los falando sozinhos, assim como dá vontade de deixar falando sozinhas pessoas que pensam ser a doença causada pelo novo coronavírus apenas uma pequena coriza. Silêncio, portanto.

E o que dizer às pessoas que alegremente embarcam no barco furado das *fakes News*? Será preciso lembrá-las que há algo chamado bom senso? Que há algo chamado prudência? Que há algo chamado verdade? Elas que, quando eram crianças, davam provas de bom senso, de prudência e de busca da verdade, como o mostram os estudos de Psicologia do Desenvolvimento. Novamente, dá preguiça. Dá vontade de lhes virar as costas e de se tornar um eremita.

E finalmente, o que argumentar com os negacionistas? Será preciso lhes falar, pela milésima vez, dos campos de concentração, dos fornos crematórios, dos experimentos médicos cruéis com seres humanos, da tortura, dos assassinatos, das injustiças, da tristeza, da tragédia? De nada adiantaria porque, no fundo, eles já sabem de tudo isso, mas não lhes importa porque aderiram às forças de Tântos (morte) contra as forças de Eros (amor).

Escreveu um ensaísta europeu, Rioufol: “*É por isso que os grandes filósofos, os grandes artistas, os grandes escritores, os grandes pesquisadores se calam*”. Ele se referia ao que chamei de ‘cultura da vaidade’ na qual é preciso falar, mostrar-se a todo instante, mesmo sem ter nada a dizer e a mostrar, para poder existir

socialmente. Mas creio que o diagnóstico também é válido para o mundo de inversões no qual vivemos nesse início de século 21. E nem é preciso ser ‘grande’ filósofo, artista, escritor ou pesquisador para ter vontade de não mais cantar e falar.

Porém, como fazer *um silêncio tão doente do vizinho reclamar* implica dar a vitória a todos esses que flertam com a reação ou são francamente reacionários, é preciso sair do silêncio, é preciso continuar cantando e falando.

Mas falar o quê?

De minha parte, somente ocorre-me dizer a essa multidão com sinal trocado, que nega o inegável, a essa multidão de ponta-cabeça: “*Agora falando sério!*”.

Recebido em: 06/05/2020

Aprovado em: 19/06/2020